

# EX-MINISTRO APROVA DECISÃO DE DEIXAR O CÂMBIO FLUTUAR

## ENTREVISTA

à Agência Globo

# Marcílio M. Moreira

*"O governo não tinha outra alternativa. As reservas estavam se esvaindo. Foi melhor fazer isso do que financiar a saída de dólares com as reservas chegando a US\$ 40 bilhões"*

**Rio** — Ex-ministro da Fazenda e consultor sênior da Merrill Lynch, Marcílio Marques Moreira elogiou a decisão do governo de permitir que o câmbio flutuasse livremente ontem. Para ele, não havia outra saída, diante da falta de perspectivas de reversão do fluxo cambial, que ficou negativo em mais US\$ 1,3 bilhão na quinta-feira. O economista disse que a conversa do ministro da Fazenda, Pedro Malan, com os técnicos do Fundo Monetário Internacional (FMI), neste fim de semana, deverá ser dura, mas o Brasil terá que rever as metas acertadas no acordo internacional.

**O que o senhor achou das medidas adotadas pelo Banco Central hoje (ontem)?**

**Marcílio** — O governo não tinha outra alternativa. As reservas estavam se esvaindo e não havia mais perspectivas de reversão no fluxo. Foi melhor fazer isso do que financiar a saída de dólares com as reservas chegando a US\$ 40 bilhões.

**O senhor teve uma conference call com investidores estrangeiros hoje (ontem). Como eles estão analisando as medidas?**

**Marcílio** — Os investidores estrangeiros vêm com bons olhos a decisão do governo. O mercado gosta de ações pragmáticas. Há uma espécie de alívio. Tínhamos um tumor e que agora foi aberto. Não acho que o real estivesse sobrevalorizado, mas para o gosto do mercado esta-

va. Por isso, há um alívio.

**Alguns analistas já falam em fluxo positivo. O senhor acha isso possível?**

**Marcílio** — Talvez. Muitos dos dólares que o Banco Central vendeu nos últimos dois dias foram comprados por bancos brasileiros que agora podem estar voltando para realizar seus lucros com a desvalorização da moeda. Além disso, o fluxo de investimentos estrangeiros para as bolsas hoje (ontem) deve ser mais intenso.

**O BC na segunda-feira terá que dar uma satisfação ao mercado sobre o destino do câmbio. O que o senhor acha que vai ser feito?**

**Marcílio** — Uma vez que deixou flutuar, tem que continuar neste regime. Voltar para o sistema de bandas agora seria como dar com a cabeça na parede. É muito difícil encontrar um regime que seja o meio termo entre o câmbio fixo e o flutuante. Tínhamos encontrado, depois de três ou quatro anos insistindo em uma política que neste momento se mostrou insustentável. Acho também que os segmentos do comercial e do flutuante poderiam ser unificados para evitar que o ágio que existe entre as duas taxas permita arbitragem entre os dois segmentos. Na minha opinião, o BC deveria atuar como o banco central japonês, que só intervém para defender a moeda nos momentos em que o mercado vai além do desejável. É necessário tentar não ir contra o mercado.

**O dólar parece que vai se estabilizar em torno de R\$ 1,50. O senhor acredita que chegamos a uma taxa de equilíbrio?**

**Marcílio** — É difícil dizer qual o nível de equilíbrio da moeda. Ainda mais em um dia como o de hoje (ontem), sem muitos negócios sendo feitos. Acho cedo para falar em equilíbrio. Mas surpreendeu o fato de o dólar não ter disparado hoje (ontem). Não estamos em uma situação fora de controle. O Brasil não

tem essa tendência ao derretimento, como muitos falaram ontem.

**Quem sai beneficiado e quem perde com a desvalorização de hoje (ontem)?**

**Marcílio** — A mudança é boa para as exportações brasileiras, que vão ficar mais competitivas, e ruim para as viagens e importações, que ficarão mais caras. Mas acho que isso faz sentido em um país com os nossos problemas. Outro aspecto negativo é em relação às taxas de juros. Elas deverão ser mantidas ainda por algum tempo, mas no futuro a tendência é de queda. A dívida pública e das empresas também deverá subir. Alguns bancos de pequeno porte também poderão ter dificuldades, mas só aqueles que ainda estavam alavancados no mercado de futuros. Mas passado o susto, as coisas deverão voltar à normalidade.

**O senhor tem uma vasta experiência nas negociações com o FMI. Qual é a sua expectativa para o encontro do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e do presidente do Banco Central, Francisco Lopes, com os técnicos da instituição?**

**Marcílio** — Como a dívida pública vai aumentar, tem que haver uma revisão nas metas e nas premissas do acordo com o Fundo, que dificilmente serão cumpridas nas atuais condições. Eles terão também que discutir com a direção do FMI a nova regulamentação da política de câmbio. Afinal, estamos sem um regime cambial. Com a minha experiência de 42 anos de negociações com o Fundo, sei que as conversas não são fáceis. Eles questionam muito e fazem sempre o papel de advogados do diabo. Mas o Fundo tem o maior interesse, assim como o governo americano, em que as coisas dêem certo no Brasil. Acho que nunca é demais lembrar também a necessidade do empenho no ajuste fiscal. O principal problema da economia brasileira é esse: a despesa do setor público de 8% do Produto Interno Bruto (PIB).

Eraldo Peres 4.8.94



Marcílio: "A mudança é boa para as exportações e ruim para as viagens e importações, que ficarão mais caras"